

Conferência

VICENTE BELTRÁN ANGLADA



Diálogos Esotéricos

A Conquista do Silêncio

Conferência em Barcelona

7 de abril de 1983

A VERDADE HÁ DE SE APRESENTAR DE TAL MANEIRA QUE CONVENÇA SEM PRENDER E QUE ATRAIA, MESMO SEM CONVENCER. ISTO SÓ PODE SER REALIZADO PELA LINGUAGEM DO CORAÇÃO.

A Conquista do Silêncio

Barcelona, 7 de Abril de 1983

Vicente. – Não sei se vocês têm alguma pergunta preparada ou se preferem que surja alguma questão no decorrer da reunião.

Às vezes em silêncio..., creio que é o que fazem os amigos da sociedade religiosa quakers que ficam em silêncio... Então, nesse estado de silêncio, se for real, pois nem sempre é, é possível obter-se aquilo que se chama inspiração. A pessoa que se sente inspirada fala de sua inspiração, que costuma ser algo que diz respeito à totalidade do grupo, sempre e quando a pessoa estiver realmente em silêncio, e quando houver realmente um espírito de reunião, quando o Cristo está presente à reunião, como se diria misticamente. No entanto, eu vejo também outra coisa, e podemos conversar agora sobre isto: é a dificuldade de permanecer em silêncio, porque o silêncio é algo vivo, é algo que está presente dentro do coração. Não se trata da mente que formula conclusões, nem da palavra falada, nem tampouco de gestos, que às vezes têm extraordinária mobilidade, mas sim de um estado total de silêncio, do qual participa tanto a mente como o desejo, a emoção e o próprio corpo. Todos os sistemas de treinamento baseados na superação humana, como a yoga, por exemplo, se baseiam em princípios éticos e morais e buscam um sentido de união, inclusive na Hatha Yoga em suas primeiras etapas, quando o homem procura silenciar seu corpo imprimindo um movimento, uma asana, diferente do usual, está fazendo um exercício de meditação. Quando se pratica a Bhakti Yoga, procurando fazer que as energias do plexo solar ascendam ao centro cardíaco, que é a função da Bhakti Yoga, também se nota a presença do desejo que está entorpecendo o trabalho do Pensador, o qual, por sua vez, é condicionado pelo movimento do pensamento. Quando o pensamento se move, dizemos que estamos pensando. Mas, o pensamento corrente, o pensamento que nos assalta a qualquer momento, que não nos deixa coordenar, que nos imprime um movimento que não desejamos, é realmente o que conturba a paz do Pensador. Paradoxalmente, o Pensador não pode pensar porque sua mente está pensando. Uma coisa é o pensamento, a atitude do Pensador, e outra coisa é o movimento mental que chamamos de pensar. Naturalmente, se quisermos alcançar um estado de silêncio, teremos que reconhecer a dificuldade de manter a mente tranquila, serena, aquilo que eu defino como expectante, vulnerável em toda sua amplitude e em toda sua profundidade. Chega um momento (creio que todos terão esta experiência) que é prelúdio da iniciação, na qual o pensamento se extingue por si mesmo, quando a pessoa alcança um estado máximo de atenção para fora ou para dentro de si mesma, porque a atenção é o suporte do Pensador através do seu veículo mental. Vocês perceberão que quando estiverem muito atentos sentirão uma pressão no centro Ajna. Todas as energias do pensamento estão concentradas em um ponto x do centro, do chacra entre as sobrancelhas. Então, aquele pensamento turbulento, que se fosse visto por clarividência apareceria como uma espécie de nebulosa, extingue-se em um momento dado do tempo, desaparecendo como se tivesse sido sugado por uma força misteriosa que surge, sabe Deus de que profundezas do Eu. Quando todo mundo fala do silêncio e debatemos sobre o que é o silêncio, e decidimos que “vamos ficar em

silêncio”, precisamos saber o que é o silêncio e, quando estivermos em silêncio, não procurar argumentos sobre o silêncio. Muitas vezes eu já disse que há pessoas, filósofos de qualquer medida, de qualquer longitude, de qualquer credo, que estão falando do silêncio, enchendo páginas e páginas sobre o silêncio, quando o que o silêncio necessita é de uma participação ativa dentro do mesmo, uma experiência de silêncio. Eu só vejo uma coisa, psicologicamente falando do silêncio: só pode haver um silêncio mental efetivo quando a mente estiver muito atenta, em qualquer direção, e que a direção, naturalmente, seja correta. Não se trata da concentração, ou das primeiras fases de uma meditação, trata-se da terceira fase. Depois de passar pela etapa reflexiva, vem um estado desconhecido que chamamos de contemplação. A contemplação e a serena expectativa são muito parecidas, diria que são quase sinônimos de uma atitude do Pensador que conseguiu reduzir a mente à sua mínima expressão, que é quando adquire a sua máxima capacidade, e parece um contrassenso. Quando a mente fica reduzida a nada é quando ela pode conter o Todo. É *esta* a grande máxima filosófica. Pois bem, se continuarmos atentos, se pudermos permanecer atentos, sempre que o Pensador possa ter um controle, um governo sobre seus veículos mental, astral e físico, o silêncio é a antessala, é a chave que abre cada uma das Sete Portas de Shamballa.

Esotericamente, Shamballa é o centro chamado de a *Cidade das Sete Portas*. Em um plano muito objetivo se vêm sete esferas de luz, e cada uma delas exige uma iniciação e um estado de silêncio, até chegar à quarta esfera que corresponde ao plano búdico, no qual o silêncio, do ponto de vista do Pensador, é total. Não podemos falar do silêncio átmico, nem do silêncio ádico, nem do silêncio monádico, porque isto está acima da nossa compreensão atual. Precisamos falar do silêncio que precede a 5ª Iniciação, porque como 4ª Raça, como 4º Reino, e como 4º Raio, nós seres humanos temos agora, dentro da 5ª Raça, que objetivar o silêncio, para que o silêncio se converta em algo palpável e passível de ser medido, para depois deixá-lo, pois o silêncio também tem uma voz. Quem leu *A Voz do Silêncio* de Madame Blavatsky tem uma ideia do que é o silêncio. Quando a voz do silêncio puder ser ouvida pelo Pensador, significa que se adquiriu a capacidade de renunciar. O silêncio é algo vivo, não é uma ilusão mental nem um relâmpago passageiro que inunda de luz a mente para em seguida desaparecer e deixar a mente sombria como antes. Trata-se de alcançar um estado no qual o relâmpago se converte em luz permanente. E isto estamos conseguindo aqui e agora. Este aqui e agora, se analisarmos, é constante, permanente e eterno, faz parte do eterno agora do próprio Senhor do Planeta, do Senhor do Mundo, ou do Logos Solar, *que* estão vivendo além do tempo. Outro dia um amigo comentava que estava vivendo uma experiência, estava dizendo “esta experiência eu já vivi”, porque quando a pessoa escapa das redes quiméricas do tempo, começa realmente a ser o conquistador do futuro. Na 5ª Esfera de Shamballa está o porvir da humanidade e de todo o planeta. Uma vez que se tenha baixado do plano búdico e se penetre no plano átmico, adquire-se o poder de dominar o passado, o presente e o futuro, na 6ª Iniciação e então se vê o que será a humanidade em comparação com a humanidade do presente, percebendo-se as dificuldades para chegar a esse estado de consciência. Creio que foi Leadbeater, em um de seus escritos, em um de seus livros que, em consciência, havia se trasladado ao futuro e conversado com entidades da própria raça, e de outra raça mais avançada, que estavam

conversando em grandes edifícios e que pertenciam a outra Ronda. Ou foi uma ilusão dos sentidos, ou realmente Leadbeater entrou em contato, não com os registros akáshicos do passado, mas com a memória cósmica do futuro. Como nós podemos projetar o que faremos amanhã, o Logos também pode projetar, com todos os detalhes, o que fará dentro de alguns milhões de anos, porque Sua mente está capacitada para isso. Se alguma de Suas células faz contato com Sua consciência, pode perceber o futuro com a mesma clareza com que pode visualizar o presente e o passado. Creio que todos, ou muitos de nós, já tivemos a experiência de nos sentir transportados ao futuro. Depois de algum tempo nos damos conta de que já vivenciamos aquilo, e não me refiro aos contatos astrais que dão uma visão de alguns anos, mas da visão espiritual que está trabalhando com longos lapsos de tempo que se estendem a milhares de anos, como faziam os profetas. Se um profeta pode dizer o que acontecerá dentro de mil anos, é porque aquilo existe. Da mesma forma, se um clarividente pode ver o passado, é porque o passado existe. Significa que existimos em tantas dimensões que, quando falamos do silêncio, estamos penetrando em uma dessas esferas, eu diria a esfera principal, a que confere primeiro o controle dos veículos, depois o controle sobre a mente, importantíssimo do ponto de vista da Iniciação, e depois o contato com a Alma no silêncio, porque se pudéssemos meditar o silêncio em termos de plano, diríamos que o silêncio total está no centro Cardíaco do Logos Planetário, no quarto subplano do quarto plano búdico da quarta esfera búdica do nosso sistema planetário. E que, portanto, deve-se chegar a este ponto onde não existe a fricção, onde existe o Amor Universal, não existe o seu nem o meu, existe um grupo permanente pleno de luz e de fraternidade. Se em algum lugar do sistema existir a fraternidade, seguramente será no quarto subplano do plano búdico, porque é o centro, o eixo através do qual se cria o círculo-não-se-passa do Universo, ou do próprio planeta.

Voltando à Cidade das Sete Portas, como estamos falando de Shamballa, creio, pela minha experiência ashramica, que Shamballa será agora a meta do discípulo, como outrora foi a Hierarquia. Não é que a pessoa não tenha contato com a Hierarquia, mas, por uma maravilhosa alquimia criada pelo Senhor do Mundo, agora o discípulo pode penetrar em algumas das Estâncias de Shamballa, o que antes não era permitido. Tinha que fazer todos os seus trabalhos e disciplinas, digamos, ashramicos, dentro da própria Hierarquia, entendendo que a Hierarquia é o ashram de Sanat Kumara, e que, portanto, tem algo que assegura a passagem de um ashram da Hierarquia, e tinha também que entrar em contato com os devas de cada uma dessas Esferas. Os anjos que guardam a primeira esfera se chamam *asuras*, e são entidades gigantescas de matéria semietérica que guardam a primeira porta. Quando se fala da porta iniciática, também se faz referência à primeira porta que pertence ao plano físico, a primeira esfera, com suas sete subdivisões, porque uma esfera vem a ser uma espécie de concreção de um plano do Sistema Solar. Assim, quando falamos da primeira esfera, fazemos referência ao primeiro plano físico do Sistema Solar e, portanto, tudo que conhecemos daquele plano tem que ser forçosamente físico. Estou explicando isto quando falo de Shamballa, mas aqui podemos ampliar detalhes, que não darei seguramente quando falar de Shamballa a um grupo mais numeroso. Não sei se já sonharam alguma vez, ou se lhes terá parecido que fosse um sonho, que se encontravam diante de uma porta, e que alguém lhes pedia uma senha, enquanto o

asura os ameaçava. Há um asura de cada lado da primeira porta de Shamballa, e há sete portas em cada um de seus hemisférios. Abre-se uma porta x, a que confere a primeira iniciação dentro do nosso planeta, a qual é conferida pelo Bodhisattva, o Cristo. Esta porta tão bem guardada precisa primeiro de um exame preliminar no ashram para ser penetrada, porque em uma das estâncias se encontra a memória cósmica acumulada de tudo que a humanidade realizou de físico desde as raças mais antigas até a quinta sub-raça da raça ariana, que somos nós. Existe toda classe de produções do homem através do tempo, existem facetas físicas de algo que passou há milhões de anos, o que fica registrado na memória do Logos Planetário através do que poderíamos chamar, utilizando a analogia, de átomo permanente físico, como nós podemos recordar todos os eventos físicos através da memória que temos dentro do átomo permanente. Quem consegue decifrar o mistério da memória se converte em um Iniciado. Digo isto porque nós podemos lembrar de um fato porque ele está ali, não é algo que tiramos do baú deste emaranhado de recordações. É algo vivo, uma recordação é algo, é uma coisa, é alguém que está vivendo a lembrança. Pois bem, os registros vivos do Logos Planetário estão na 1ª Estância de Shamballa. Em um ashram nos ensinam a pronunciar um mantra definido que desarma os asuras, os quais são armados com uma espécie de tridente e ameaçam o candidato, e até podem matá-lo se não estiver preparado. Assim, quando na maçonaria se fala das grandes coisas que se passam, isto não é nada comparado com a prova do discípulo verdadeiro, porque ele passa por um período de medo em uma caverna, como fazem algumas seitas para dar certa iniciação. Mas, não é o mesmo que se encontrar ante um feroz asura que, se você não estiver preparado, se for profano, e por algum deslize da natureza penetrar na estância, não sairá com vida. E em seguida vem a segunda porta de Shamballa, onde é exigido o silêncio como norma essencial. Na primeira porta o discípulo tem que pronunciar a palavra que desarma os asuras, e na segunda porta tem que desarmar o asura pelo silêncio. Se o silêncio do asura, falando em termos muito ocultos, for maior que o seu próprio silêncio, você não pode entrar. O seu silêncio, que é uma hierarquia, tem que estar acima do silêncio do asura, e assim se abre a segunda estância, na qual o discípulo que se prepara para a iniciação penetra, porque ali há um altar e muita gente reunida recebendo inspiração, energia e vibrações que procedem da aura etérica de Sanat Kumara. O discípulo precisa desta força porque é a pessoa que mais sabe sofrer na vida, porque está seguindo a linha de máxima resistência, a linha mais difícil, enquanto as pessoas comuns, sem nenhum afã pejorativo, sem nenhum sentido crítico de valores, estão seguindo a linha de menor resistência, a que custa menos, a mais fácil. Naturalmente, se a maioria segue a linha de menor resistência e uma entidade humana, dentro desse turbilhão, está seguindo a linha de máxima resistência, forçosamente existe uma fricção que se chama "*a Noite Escura da Alma*". O discípulo tem que passar por isto; é uma dor tremenda o que ele passa quando segue uma rota que o mundo desconhece e que não pode interpretar. Portanto, quem segue este caminho será sempre uma pessoa odiada pelas massas, será vilipendiada, criticada, maltratada, e talvez até morta, porque é a lei. Entretanto, seguramente triunfará, porque também existe a força do Senhor do Mundo. Só digo isto para mencionar as dificuldades impostas pelo silêncio da segunda estância. Talvez, mais adiante, falemos das outras sete estâncias do primeiro plano, o da 1ª Esfera de Shamballa, para que se deem conta de que em um momento determinado este silêncio nos parece algo psicológico, e realmente assim é, pois é como uma força que nos subjuga. O silêncio é

uma entidade, como a palavra, como o gesto, porque carregamos conosco entidades celulares que têm sua própria consciência, e que às vezes seguem seu próprio impulso sem contar conosco. Depois de desarmar o asura, penetra-se naquela câmara onde há um pequeno altar feito de cristal de rocha e um talismã, digamos um Cetro de Poder; inopinadamente se materializa um Mestre de grande categoria e dois ajudantes, formando um triângulo. Aqui haveria muito o que falar sobre as leis da eletricidade. Então, o Mestre fala aos presentes naquela estância, e finalmente os abençoa e aplica-lhes o Cetro. Essa experiência se converte na primeira, digamos, fora de si mesmo, que o discípulo recebe. A partir daqui pode ser que continue investigando por sua conta, pode ser que se esqueça momentaneamente daquela experiência, pode ser que a recorde perfeitamente, porque isto provém mais do cérebro do que da inteligência. Muitas pessoas podem recordar facilmente algo, e outras não têm esta capacidade, sem prejuízo algum de sua atividade mental ou espiritual.

Falamos de coisas que acontecem, nada tem a ver com a Hierarquia. Entretanto, talvez pudéssemos falar um pouco da 3ª Estância, um pouquinho, porque nela somente pode penetrar quem tiver o poder mental necessário para abrir a porta, criar uma substância, digamos, etérica, pois é preciso um grande esforço de vontade para ser aberta. Não existem asuras, mas há devas que se manifestam em um mantra, objetivamente, exigindo a senha. A senha é a força de vontade que abre a porta. É aquilo que nas narrações novelescas do passado se chamava de senha para abrir a porta, como no livro *As Mil e Uma Noites*, por exemplo. Para mim este é um livro muito esotérico, já que sempre há uma fala para abrir a caverna, tem relação com a 3ª Estância de Shamballa, ou a terceira porta da 1ª Esfera de Shamballa no aspecto físico, principalmente de um nível gasoso.

Até aqui falamos dos níveis que não são gasosos, mas líquidos. Na quarta estância teríamos que falar do quarto éter. Temos que abrir a porta, mas, o que interessa é que na terceira estância se verifica se o discípulo tem a força mental necessária para abrir a porta, vencendo a força dos agnis que impedem a passagem. É uma luta titânica, é como dois contendores lutando para ver quem pode mais. Porém, como no ashram se ensina a praticar uma meditação que não se dá a todo mundo, que só é dada pelo Mestre a cada um segundo sua posição e merecimento dentro do ashram, não podem penetrar (*todos*) nesta estância. Quem penetra é porque pode lutar. Há uma experiência, que é de autocontrole, a força necessária para abrir a porta é a que confere a 2ª Iniciação, que ocorre no quinto nível mental. Todas as iniciações acontecem neste nível, isto é, no plano causal, embora as repercussões sejam em prol do corpo físico, estabilizando suas funções e criando o arquétipo de beleza que tem que representar, ou sobre o corpo emocional, equilibrando-o e tornando-o receptivo ao amor universal. Assim, temos que dizer que a mente é a senhora dos três mundos. Enquanto a Alma não tiver poder sobre os três mundos, não se pode ser um grande iniciado.

Não sei se percebem que estamos tentando penetrar em mistérios e segredos, mas que pertencem ao aqui e agora, e que têm sido praticados desde que o Senhor do Mundo está aqui conosco; que foram os asuras que praticaram, cavando a grandes profundezas na Ilha Branca, criaram essas grandes grutas, muitas delas de caráter

etérico, e que, portanto, não podem ser descritas senão por uma pessoa que tenha clarividência. Avançando por esses corredores, posso dizer, sem quebrar nenhum juramento, que cada um dos níveis tem uma luz própria que não é a luz elétrica conhecida, é a luz que irradia por si mesma, é a luz etérica que começa a luzir no 4º subplano da 1ª Esfera. É uma luz muito parecida com a luz de neón, uma cor azulada. Cada aspirante que penetra este lugar vê perfeitamente, e não necessita de iluminação como se fala comumente das grutas que conhecemos. Entretanto, há uma indicação de que as figuras rupestres foram feitas com a utilização de certo mistério elétrico da luz, porque os desenhos são vistos perfeitamente sem se apresentarem enegrecidos pelas tochas que se utilizavam naqueles tempos imemoriais. Há uma limpidez, uma nitidez nestas figuras que resistem aos exames. As pessoas muito observadoras estão se perguntando como isto pode ser feito desta maneira, se nesta caverna não havia luz. E, ao mesmo tempo, como é que está tão limpa esta caverna, se naquele tempo, para iluminar, não existia nada além das tochas de sebo que deixam toda a pedra enegrecida? Aqui há muito a falar, há muito a discutir sobre isto, mas agora não é o momento oportuno, o que importa é interessar-nos por algo que está ocorrendo aqui e agora. Talvez vocês tenham vivenciado esta experiência e não se recordem. Por isso digo que recordar uma experiência não significa que não a tenham vivido. Há pessoas que, devido ao carma, não se lembram que são iniciados, mas são. Alguém que tenha muitos poderes, mas que, para sua própria evolução, tenha que deixá-los de lado e seguir adiante. Se quiserem fazer perguntas sobre isto...

Interlocutor. – Vicente, poderia explicar um pouco mais o silêncio e a palavra? Essa paz interna que se sente, que acompanha o silêncio? É só a palavra, o silêncio da palavra?

Vicente. – Bem, se há paz é porque há silêncio. Não pode haver silêncio sem paz, nem paz sem silêncio, você não pode ter paz e, ao mesmo tempo, estar pensando. Não pode ter paz quando estiver focado em um assunto qualquer, físico, mental ou emocional. A sensação que experimentamos quando estamos em paz não pode ser explicada, e aconselho que não procurem explicação, porque ela não existe. Não podemos explicar porque uma cor é vermelha e outra amarela, salvo no estudo dos Raios. Já tentaram decifrar o que é uma cor? Ou porque a cor amarela é assim? Terão que dizer: “é amarela em comparação com esta outra cor que é branca, ou vermelha, ou azul”. Uma cor em si é um mistério, a música é um mistério também, e, no entanto, a música é algo objetivo no plano búdico. Segundo se diz, é a voz dos grandes anjos, e todos os grandes compositores foram inspirados por grandes devas. Também se diz que um grande deva inspirou a Beethoven a 6ª Sinfonia, a *Pastoral*. Já atentaram para a *Pastoral*? Já se sentiram como se estivessem em um bosque? Estamos envolvidos por um sentido da vida vegetal e animal levado pelos anjos. Ouçam atentamente e, ao sentirem muito atraídos pela música e quiserem interpretar o sentido da segunda iniciação, ouçam a Lohengrin, de Wagner, porque tudo isto está conectado com as esferas de que estou falando. Há uma Esfera, a 4ª Esfera precisamente, onde se reflete a melhor música que a humanidade produziu, como na 1ª Esfera estão os melhores tipos humanos do passado, desde os primitivos lêmures gigantesco até a nossa raça. É coisa física, embora esteja em matéria etérica. Outra coisa que não mencionei quando falei de Shamballa é que na 1ª Estância da 1ª Esfera de Shamballa o Mestre tem

modelos em matéria etérica dos Seus discípulos espalhados pelo mundo. Não precisa pensar neles, apenas contemplando a imagem mental que formou ali pode vê-los e saber de seus estados de consciência, melhor do que se fosse relatado pelo próprio discípulo. São imagens vivas, *o modelo em matéria etérica* está conectado com o etérico do aspirante, e como no etérico se refletem todos os seus pensamentos e sentimentos, o Mestre só tem que observar. Em última instância, o Logos Solar está observando o que faz o Logos Planetário, que é um dos Seus discípulos. Estou falando nesse sentido, em qualquer destas esferas que desconhecemos, mas que existem, e o mesmo fará o Logos Cósmico com respeito ao Logos Solar, os outros Logos Solares e as grandes entidades que se movem dentro deste contexto, deste círculo-não-se-passa solar ou cósmico. Tudo está sob controle. Mas, quando falamos do silêncio, é mais profundo, porque o silêncio fornece a senha para se entrar na 2ª Estância de Shamballa. A entrada na 1ª Estância exige passar sete anos sem pronunciar palavra alguma no ashram, escutando atentamente sem poder fazer ouvir sua voz. Isto é cíclico. Aos sete anos pode-se começar a fazer perguntas a um Mestre. Naturalmente, quando o discípulo começa a perguntar, é porque sua voz já não pode ferir os demais. Há uma lei de compensação cármica, mas é necessário o silêncio para adquirir o direito de dirigir perguntas ao Mestre. Sabe Deus que o discípulo tem que dizer alguma coisa e fazer perguntas ao Mestre, porque o Mestre sabe todas as coisas e o discípulo está aprendendo aquilo que o Mestre sabe.

Xavier. – Antes de fazer silêncio, Ramón estava comentando..., e aproveito para comentar, para quem não assistiu ontem a magnífica exposição de Ramón, com relação às Cadeias e à tarefa de redenção da própria humanidade, do próprio microcosmos, e do próprio macrocosmos, depois que a mente ficou feita de fosfatina. Procurei algumas vezes ampliar ainda mais o círculo deste mental não-se-passa. Na primeira ocasião, e procurando levar a um expoente máximo, creio, com a Lei de Analogia, ao ver, em primeiro lugar, que através desta analogia com a humanidade, ou com o conhecido, podíamos chegar a ver ou intuir os ciclos ou os passos dados pela manifestação de um Logos. Mas, usando esta analogia ao máximo, em uma oitava creio superior, podíamos adivinhar ou intuir através da não manifestação, através de um Pralaya cósmico, procurar ver qual era o ponto menos um, no qual o Logos Supercósmico, isto é, o Deus imanifestado, qual poderia ser seu ciclo de atividade, ou de não atividade, se preferirem. Na segunda ocasião, Ramón explicou magnificamente como uma célula, ou o processo de evolução ou de ascensão de uma célula do corpo humano pode ser redimida até possuir a autoconsciência, até que, de alguma maneira, através de todas as múltiplas etapas da evolução possa se tornar consciente de sua própria manifestação, de seu próprio microcosmos. Partindo daí, pela lei de analogia, podemos ver a mesma manifestação do Logos Planetário, o qual, através de suas Cadeias, de suas Rondas, etc., etc., podia também evoluir a um estado superior, por exemplo, de Logos Solar, mas, levantando ainda mais esta Lei de Analogia, víamos como o próprio Sistema Solar é um átomo, perfeitamente estruturado do que poderia ser o homem cósmico. Simplesmente isto. Ver que pela Lei de Analogia é possível ir até onde a própria mente, a própria intuição, o permita.

Vicente. – Quando falo de silêncio não me refiro a um estado de marasmo, ou de repouso. Estou falando do silêncio como a força mais potente e dinâmica da criação.

Se falasse de redenção ou de iluminação não poderia deixar de passar pelo silêncio, que é o controle que o Pensador tem sobre seus veículos. Estou falando agora simplesmente do veículo mental, que é o que mais temos que controlar, e, através da mente, controlar o corpo emocional. Podem imaginar que o silêncio seja luz e, ao mesmo tempo, amor e poder? E que então altere a perspectiva, convertendo-se em uma entidade? Além disso, quando falamos do processo de redenção celular, estamos falando do processo de iluminação das células, estamos lidando com o mistério da eletricidade, da radioatividade. Quando o silêncio é total (me refiro aos nossos três mundos), quando o silêncio mental é completo, quando a paz emocional é completa, e quando o corpo físico está equilibrado em suas funções, do 4º Plano Búdico entra uma corrente de luz que vai diretamente às células ou ao conjunto celular que as transforma, as deifica. É o processo de transmutação, que não significa converter chumbo em ouro, mas converter as células em luz.

O Mestre, por exemplo, não cria sombra. É transparente, porque suas células são luminosas, são esféricas e, portanto, não ocorre a refração da luz, pois somente as figuras poliédricas, além da esfera, podem se projetar. O Mestre não tem mais, digamos, figuras geométricas, além da esfera luminosa em Seu conteúdo celular, quando utiliza um corpo físico, e os iniciados aprendem a controlar o átomo de hidrogênio. O átomo de hidrogênio é o centro da criação celular. Somente acrescentando ou removendo átomos de hidrogênio são criados os elementos químicos, e isto sabemos pela química elemental. Há uma relação entre a figura geométrica ou poliédrica da aura etérica de qualquer ser humano, Mestre, Iniciado ou Logos, que o caracteriza. Nesta caracterização existe o princípio da redenção. Assim, a pessoa somente pode se redimir se tiver a figura geométrica adequada em sua aura etérica, que não ofereça reação à luz. A figura mais completa que conhecemos é o triângulo equilátero, a expressão de Shiva, Vishnu e Brahma, ou do Pai, Filho e Espírito Santo, a mente, a emoção e o corpo. Quando tudo está equilibrado se converte na pirâmide, visto na quarta dimensão, pois quando observamos qualquer figura geométrica a vemos em um plano. Portanto, ocorre uma deformação, já que estamos vendo as coisas em um plano bidimensional. Mas quando estamos na quarta dimensão contemplando o plano físico, vemos a terceira dimensão completa, e então aparece o relevo: vemos que o círculo se converte em esfera, o triângulo equilátero se converte em pirâmide, o quadrado se converte em cubo.

A análise dos corpos nos levará a saber como e quando deve surgir esta força redentora que transforma cada átomo, cada célula em luz ou em radioatividade, ou em expansão. Então, cada célula que tenha sido liberada é substituída por outro tipo de célula. Se temos células pesadas, se convertem em células de hidrogênio. O que acham que seja o mistério da levitação, senão uma incursão, por motivos espirituais, de átomos de hidrogênio em grande quantidade no corpo físico? Somente utilizando a lógica podemos ver isto com clareza. Se empregarmos a lógica, se utilizarmos a mente, compreenderemos o que acontece em cada uma das Estâncias de Shamballa, considerando que desde o grande mistério de Getsemani –e não sou eu quem diz, mas o próprio Tibetano–, em que o Cristo pela primeira vez na história do planeta conectou a humanidade com Shamballa, desde então esta corrente que vai da humanidade a Shamballa foi se expandindo até produzir um milagre nos ashrams que estão

inspirados não apenas pela força mágica da Hierarquia, que é um agente de Sanat Kumara, o Senhor do Mundo, mas que criou uma corrente de luz diretamente entre os ashrams sem passar pela Hierarquia. Daí as dificuldades de muitos discípulos na atualidade, porque estavam habituados a essas correntes de doçura da Hierarquia, e agora recebem os dardos potentes de fogo de Shamballa incidindo sobre a vida pessoal, sobre a vida celular, sobre a vida emocional, sobre a mente, criando uma grande transmutação que causa dor, que faz emergir as dificuldades cármicas do passado, acelera o processo, porque esta corrente de vida de Shamballa é para acelerar um processo que tem que causar a morte de muitos estados de consciência do passado e converter o indivíduo em candidato à iniciação. Aí está o problema, isso é tudo.

Se falamos de Shamballa é porque agora se pode falar de Shamballa, o que antes não era possível. Agora falamos com a mesma facilidade de Sanat Kumara, o Senhor do Mundo, ou dos Senhores da Chama, e não falamos tanto do Cristo. Vocês se dão conta de que o Cristo aparece menos? No entanto, a função do Cristo como Bodhisattva, como Instrutor do Mundo, como o Senhor Maitreya, como o Cristo Redentor, está vigente em sua totalidade porque Ele é o guia da Hierarquia, e todos estamos conectados com Ele sob este aspecto. Refiro-me somente à tendência do discípulo atual de pensar mais em termos de Shamballa do que em termos da Hierarquia. Portanto, por que acreditam que o discípulo atual precisa de uma expansão vital mais do que os discípulos do passado? Mais distração, se posso dizer assim, não entretenimentos vão. Mais distração, porque a estruturação de seu corpo com as energias de Shamballa que vão chegando quebrantariam sua vida por congestão. Trata-se de uma das provas, e estou seguro de que muitos discípulos não puderam suportar a prova. Mas, suponhamos cento e noventa e nove discípulos, e um deles fracassou. É um êxito para os planos que Shamballa tem para a Humanidade. Todas as coisas que estamos dizendo aqui, apesar de muito importantes, são simples, de fácil entendimento, porque estão aqui e agora, e todos estamos procurando precisamente nos identificarmos com esta força que está chegando para nós.

Há uma relação direta entre esta corrente mística (de Shamballa para os ashrams e todos os grupos mundiais conectados com eles) e isto que chamamos de silêncio. O silêncio não é místico, é dinâmico. Não se trata do quietismo da Idade Média, estamos mais adiantados, isso já passou. Estamos lidando com energias ígneas, como o Cristo profetizou: “O batismo será com água, mas O que virá os batizará com fogo”. Estamos começando a ser batizados com fogo.

Vou terminar, para que guardem minhas palavras no coração e não pensem mais nisto. Se tiverem compreendido, saberão que há uma força superior que está nos ajudando, e para mim é o mais importante. Mais importante que o grupo é o grupo superior, é o grupo egoico.